

COMUNICAÇÃO URBANA, ARTE E RESISTÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE O “OCUPA OUVIDOR”

Autora: Priscila Miranda Bezerra

Orientadora: Profa. Dra. Simone Luci Pereira

A cidade é um campo heterogêneo e de produção da alteridade (Caiafa, 2002), onde se dão resistências contra um modelo urbano excludente e elitizado. O Centro é uma das territorialidades mais simbólicas de São Paulo, mas passa por um forte processo de gentrificação, consequência da especulação imobiliária e de planos higienistas de revitalização por parte do poder público. Através de intervenções urbanas alguns grupos têm ressignificado espaços urbanos anteriormente deteriorados; estas práticas de cidadania são ações diretas de movimentos sociais e coletivos de artistas que tem atuado há alguns anos. Temos estudado as ocupações Ouvidor 63, a Casa Amarela – Quilombo Afrogurany, e ainda, a ocupação Nove de Julho (MSTC) a fim de compreender como estes locais conseguiram estabelecer-se como centros culturais independentes e dinâmicos, que além do importante papel nas reivindicações em torno do direito à cidade, dão a ela novos usos, estabelecendo redes e fluxos de comunicação urbana. Neste sentido, a cultura assume o seu papel político de centralidade em todos os âmbitos da vida social (Hall, 1997), ela é utilizada como recurso frente a um modelo sociocultural dominante (Yudice, 2005). Estes coletivos se articulam em redes urbanas e digitais; considerando que vivemos um momento instável devido à pandemia do COVID-19, a *Internet* tomou uma proporção imensa na vida dos atores, e se mostra um espaço potentemente comunicativo. Assim, através da etnografia digital (Hine, 2015; Miller, 2015) temos investigado como estes coletivos contribuem para o campo da comunicação urbana, e como estas iniciativas de cunho ativista potencializam cada vez estas redes que reivindicam o Centro da cidade.